



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA: ÊNFASE NA INFÂNCIA

**Análise dos erros ortográficos de alunos do 3º ao 6º ano do Ensino
Fundamental de escolas públicas de Igrejinha/RS.**

Lísie Carolina Rodrigues dos Santos

ORIENTADOR: PROF. DR. MARCIO PEZZINI FRANÇA

Porto Alegre, 22 de novembro de 2013.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA: ÊNFASE NA INFÂNCIA

**Análise dos erros ortográficos de alunos do 3º ao 6º ano do Ensino
Fundamental de escolas públicas de Igrejinha/RS.**

Lísie Carolina Rodrigues dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Marcio Pezzini França

Artigo apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Fonoaudiologia: Ênfase na Infância.

Porto Alegre, 22 de Novembro de 2013.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os meus pacientes, que são a motivação para a busca por novos conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

À Deus por capacitar e renovar as forças mesmo quando não haviam possibilidades, minha família e especialmente Ingrede Pessoa e Ivelise Bernardes por serem mais que amigas, são como irmãs.

Ao meu noivo Willien Fernandes por todo carinho e paciência nesta trajetória.

A todos que me ajudaram de alguma forma durante o meu percurso acadêmico.

SUMÁRIO

Lista de Tabelas

Lista de Abreviaturas e Siglas

ARTIGO ORIGINAL	8
Resumo	9
Abstract	10
Introdução	11
Métodos	12
Resultados	13
Discussão	13
Conclusão	15
Referências.....	16
Tabelas	18
Gráficos.....	19

ANEXOS

Anexo A: Ditado Balanceado

Anexo B: Requisitos Técnicos

Apêndice A: Termo de Autorização Institucional

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização da amostra	19
Tabela 2. Avaliação	19
Tabela 3. Respostas	20

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF: Ensino Fundamental

MEC: Ministério da Educação e Cultura

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Número ^a: série (currículo escolar de 8 anos)

Número ^o: ano (currículo escolar de 9 anos)

ARTIGO ORIGINAL**Análise dos erros ortográficos de alunos do 3º ao 6º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas de Igrejinha/RS.*****ANALYSIS OF MISSPELLINGS OF STUDENTS IN 3º TO 6º GRADE OF ELEMENTARY SCHOOL IN THE PUBLIC SCHOOLS OF SMALL CHURCH / RS.***

Lísie Carolina Rodrigues dos Santos¹, Marcio Pezzini França²

¹ Fonoaudióloga, Acadêmica do Curso de Especialização em Fonoaudiologia: Ênfase na Infância, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Professor do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutor em Ciências Médicas: Pediatria (UFRGS).

Instituição:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Responsável pela correspondência:

Lísie Carolina Rodrigues dos Santos

End.: Princesa Isabel 1484/ Taquara- RS

E-mail: lisiecarolin@hotmail.com

RESUMO

Introdução: O presente artigo apresenta um estudo sobre os erros de ortografia de alunos do 3^{os}, 4^{os}, 5^{os} e 6^{os} anos do Ensino Fundamental de escolas públicas da cidade de Igrejinha/RS **Objetivo:** O objetivo do estudo é comparar a evolução da frequência de erros na relação série/ano e os tipos dos erros conforme a progressão escolar dos alunos dos 3^{os}, 4^{os}, 5^{os} e 6^{os} anos do Ensino Fundamental de escolas públicas da cidade de Igrejinha/RS **Métodos:** Foram coletados e analisados dados ortográficos dos alunos através de ditado balanceado. Os dados foram divididos e tabulados segundo três categorias, conversor fonema/grafema, regras contextuais e regras arbitrárias **Resultados:** A análise dos coletados revelou superação dos erros ortográficos conforme evolução de escolarização, porém com resultados de maior índice de erros na relação série/ano **Conclusão:** O ensino da ortográfica nas escolas públicas tem sido deficiente, e como agravante o currículo escolar de nove anos tem contribuído para o fracasso escolar de nossos alunos das escolas públicas.

Descritores: Fonoaudiologia, ortografia, currículo

ABSTRACT

Introduction : This article presents a study of spelling of students 3^{os}, 4^{os}, 5^{os} and 6^{os} years of primary education in public schools of the city of Igrejinha / RS

Objective : The objective of the study is to compare the evolution of the frequency errors in relation series / year and the types of errors as the progression of pupils of 3^{os}, 4^{os}, 5^{os} and 6^{os} years of primary education in public schools of the city of Igrejinha / RS

Methods : We collected and analyzed data of students through spelling dictation balanced. Data were tabulated and divided in three categories, converter phoneme / grapheme contextual rules and arbitrary rules

Results: The analysis of the collected revealed overcoming misspelled as evolution of schooling , but with results higher number of errors in the relative number / year

Conclusion : The teaching of spelling in public schools has been poor , and how aggravating the curriculum of nine years has contributed to the academic failure of our public school students .

Keywords: Speech , spelling , curriculum

INTRODUÇÃO

A aprendizagem da ortografia implica na compreensão e domínio de princípios gradativos, que serão estabelecidos a partir de regras que determinaram a grafia, e não simplesmente pela memorização ortográfica¹.

As línguas são caracterizada por sua transparência ortográfica (regularidade, em que cada fonema corresponde a somente um grafema e vice-versa) e pela opacidade ortográfica (irregularidade, em que grafemas correspondem a mais de um fonema e fonemas correspondem a vários grafemas)^{1,2}. O domínio do sistema de escrita alfabético, do português brasileiro, exige do aluno habilidade fonológica para compreensão do princípio alfabético, assim aprendam como se decodificam as palavras³.

Estudos mostram que há associação entre as habilidades cognitivas iniciais de letramento e o desempenho posterior em leitura, assim como há possibilidade de diversos tipos de intervenção visando impulsionar a aquisição de tais habilidades^{4,3}.

Concluindo que tanto os processos fonológicos quanto os ortográficos são importantes para a aprendizagem da escrita, sendo os padrões de conversor fonema/grafema aprendidos mediante o maior tempo de exposição à frequência da ocorrência e do uso de anotações ortográficas^{3,7}.

A grafia correta depende da internalização de regras, ou do uso de estratégias lexicais de escrita, acionando o conhecimento prévio do aluno, desta forma ocorrem variabilidades nas habilidades e estratégias de leitura e escrita, requerendo recursos linguísticos, metalinguísticos e comunicativos^{8,9}.

A realidade brasileira de letramento social e escolar é muito diferenciada, mesmo quando se trata de escolas públicas, com variações que dependem de região e população atendida. Para que o processo de aprendizado da leitura e da escrita ocorra, é necessário empenho e um ambiente que favoreça o desenvolvimento do mesmo^{10,11}.

Para muitos alunos o contato com a linguagem escrita ocorre somente na escola, considerando que muitos professores, por estarem inseridos em metodologias atuais, desvalorizam os procedimentos de correção, mantendo os alunos em situação de desconhecimento da ortografia¹².

Em consequência, na fase inicial de alfabetização muitos alunos, podem apresentar alterações na escrita, em decorrência de a escola não enfatizar o ensino da ortografia, obtendo frágil fundamentação teórica e prática^{13,14,15,16,17}. Contudo, não se pode esquecer que os erros ortográficos são fatos presentes na escrita dos alunos, muitas vezes impossibilitando a compreensão do escrito¹⁸.

O processo de aquisição da linguagem escrita e oral envolve múltiplas regiões cerebrais, destacando-se a área parieto-occipital. O córtex visual primário, localizado na região occipital, onde ocorre o processamento de símbolos gráficos. A área responsável pela questão viso-espacial da grafia é o lobo parietal^{19,20}.

A criança em seu desenvolvimento passa por algumas fases para construção da escrita, passando pela fase pré-silábica, caracterizada pela falta de compreensão da relação entre fala e escrita. A criança geralmente acredita que a escrita é uma representação do significado das palavras e não da sua pronúncia.

Na fase silábica, a criança tenta estabelecer relações entre o registro gráfico e a oralidade, escrevendo uma letra para cada sílaba, sendo a escrita associada à

pauta sonora da palavra. Já na fase silábico-alfabética ocorre a transição, onde o aluno começa a acrescentar mais letras na sua escrita, analisando algumas sílabas em seus fonemas, enquanto outras sílabas permanecem grafadas com apenas uma letra. A última é a fase alfabética, a criança acaba por efetuar uma análise sonora de todos os fonemas constituintes das palavras, atribuindo a cada um deles o grafema correspondente²¹.

A descoberta da natureza alfabética do sistema de escrita não implica o domínio das regras ortográficas, uma vez que a escrita alfabética comporta diversas irregularidades do ponto de vista das correspondências entre grafemas e fonemas.

É fundamental que o aluno passe por um momento de apropriação do processo da escrita, que envolve aspectos evolutivos de usos, funções e natureza da língua escrita. Isso revela diferentes graus de aquisição do conhecimento que estão em construção, tornando relevante o fato da aprendizagem não ser imediata, e sim construtiva, e que os “erros” estão agregados ao processo de aquisição^{21,22}.

Tais fatores têm merecido a atenção de muitos pesquisadores, que verificam em seus estudos com alunos dos anos iniciais, ocorrência da automatização do conhecimento ortográfico cada vez mais cedo^{21,22,6,7}.

Para que os alunos sejam beneficiados, faz-se necessário compreender a natureza dos erros encontrados, a razão de serem cometidos, assim como as habilidades encontradas que podem ser desenvolvidas para uma escrita eficiente e facilitadora¹⁸.

Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo, propor dados referenciais de análise dos erros ortográficos em ditados do 3º a 6º ano do ensino fundamental. Tem como objetivos específicos: comparar a evolução da frequência de erros na relação série/ano e os tipos dos erros conforme a progressão escolar.

MÉTODOS

Estudo transversal, em grupo, observacional e contemporâneo, onde o fator em estudo é o desenvolvimento ortográfico de estudantes do ensino fundamental do novo currículo de 9 anos.

Foram avaliados, no segundo semestre letivo, 409 alunos regularmente matriculados no 3º, 4º, 5º e 6º anos do Ensino Fundamental, de três escolas municipais que atendem alunos de classe média-baixa do município de Igrejinha, Rio Grande do Sul. O critério de inclusão era estar regularmente matriculado e presente no dia da coleta. Foram excluídos da pesquisa alunos que apresentaram alterações neuropsicomotoras que comprometem o aprendizado, conforme informações da escola. As principais variáveis estudadas foram: erros ortográficos (classificação), ano escolar e gênero.

Para avaliação da escrita foi utilizado um ditado balanceado com 50 palavras soltas²⁴, dissílabas, trissílabas e polissílabas. Cada palavra foi ditada pela examinadora, repetida em voz alta pelos alunos e então escrita. O ditado foi aplicado dentro do ambiente escolar, sem alterar sua rotina, conforme os dias e horários estipulados pela instituição.

Para análise do ditado balanceado considerou-se três categorias de erros²⁴:

- conversor fonema/grafema - escolha incorreta da letra/grafema para representar o som em pauta podendo ocorrer substituições, omissões, adições, transposições ou inversões;

- regras contextuais - falta de consideração da existência de regras que definem o valor da letra em função do contexto;
- e irregularidades da língua - os erros consistem na escolha da consoante para representar determinados sons que indicam a origem da palavra.

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sob nº 184.099 e os diretores das escolas pesquisadas assinaram o Termo de Autorização Institucional.

Os dados coletados foram lançados em programa estatístico a fim de analisar descritivamente os resultados. Para a variável gênero, foi utilizado Teste t-student ou Mann-Whitney a fim de verificar possíveis associações estatísticas.

RESULTADOS

Os dados de 409 crianças foram analisados, sendo 209 crianças do gênero feminino e 200 do gênero masculino. A média de erros ortográficos dos ditados está descrito por tipo e classificado por comparação série/ano escolar, expressos na Tabela 1.

Na produção dos ditados, os alunos apresentam números nas regras contextuais complexas, ocorrendo comparativo entre série/ano. A Tabela 2 apresenta a média de erros por aluno em regras contextuais complexas.

DISCUSSÃO

Os resultados verificados na Tabela 1, categoria conversor fonema/grafema, corroboram com estudos realizados por Moojen²⁴, a quantidade de erros vai reduzindo ao longo das séries, segundo a autora a evolução é mais lenta na classe econômica média-baixa, ocorrendo picos de erros (do 3ª para o 4ª), com superação das dificuldades apenas do 5ª para o 6ª, percebe-se que o mesmo perfil encontra-se nos resultados do currículo de nove anos.

Na Tabela 1, as regras contextuais simples e complexas, foram agrupadas em uma única categoria, onde as regras contextuais parecem estar adquiridas do final da 3ª para o final da 4ª com mais um pico de desenvolvimento até o final da 6ª série na classe-média baixa²⁴, é possível verificar o mesmo padrão de dados nesta pesquisa do currículo de nove anos. No gráfico 1, estão elencados somente os dados referentes ao desempenho das regras contextuais complexas, ou seja, quanto ao domínio das regras de acentuação e observa-se que levando em conta a referência da faixa etária, comparando 3ª série com 4º ano, e assim subsequentemente, o currículo de 9 anos permanece defasado.

A categoria regras arbitrárias, ou seja, as irregularidades da língua escrita, alunos oriundos de classe média-baixa sempre apresentarão maior frequência de erros se comparados com os de média-alta. Além disso, houve também uma diminuição gradativa na frequência de erros na classe média-baixa, podendo significar que o maior contato com a escrita favorece uma aproximação maior da norma ortográfica culta²⁴.

No ano de 2006 foi aprovado no Brasil o acesso de crianças de 6 anos ao Ensino Básico, estabelecendo assim o ensino de nove anos, onde apresentaria

igualdade na educação para o ensino público, sendo o mesmo, já realizado no ensino particular.

Segundo argumentos nos documentos oficiais da Lei n.º 11.274/06, que regulamenta o currículo de nove anos no ensino; o aumento da escolaridade obrigatória significava o acréscimo dos tempos de aprendizagem, ou seja, maior sucesso escolar. Sendo assim, o Ensino Fundamental de nove anos se colocou enquanto política que visava a alterar a qualidade do Ensino Fundamental obrigatório²⁵.

Criaram-se expectativas quanto às mudanças; pensou-se que a ampliação em mais um ano de estudo deveria produzir um salto na qualidade da educação: inclusão de todas as crianças de seis anos, menor vulnerabilidade a situações de risco, permanência na escola, sucesso no aprendizado e aumento da escolaridade dos alunos²⁶.

No mesmo documento, o MEC estabelece princípios que devem ser considerados pelos estados e municípios na implantação do ensino fundamental de nove anos, sendo eles: promoção da autoestima; respeito às diferenças e às diversidades no contexto do sistema de educação em um país diversificado como o Brasil; não aplicação de medidas que gerem retrocesso, ou que contribua pra o fracasso escolar; gestores devem ter bom senso com tratamento diferenciado na aprendizagem de cada aluno²⁷.

No entanto a realidade constatada segundo o jornal “A Folha de São Paulo”, em 23/02/10, nas escolas públicas pesquisadas, em 2009, cerca de 80 mil crianças de 6 anos, inseridas no currículo de 9 anos do EF, foram reprovadas no Brasil, número que representa a tendência já existente em anos anteriores, verificado no quadro abaixo:

O ponto fundamental a ser observado aqui, é que, a medida que o ensino fundamental de nove anos vai sendo implantando, principalmente a partir de 2006, aumenta consideravelmente o número de reprovações das crianças²⁸.

É necessária e essencial à reflexão sobre a influência para a autoestima dessas crianças, para a organização pedagógica e didática desse ano de ensino, além das consequências para as crianças e suas famílias.

A escola exerce impacto, pois entendeu-se que a qualidade dos professores e/ou métodos de ensino, tem impacto nas habilidades de leitura e escrita de séries iniciais de escolarização²⁹.

Como vemos neste estudo especialmente o ensino público apresenta claros índices de defasagem, onde o professor deveria estar preparado para lidar com a diversidade de ambientes socioculturais e de conhecimento de base das crianças³⁰ unindo-se a este despreparo um currículo nacional de nove anos para EF, onde muito professores apresentam um desconhecimento em relação a aquisição da leitura e escrita^{31,32}. Agravando o quadro e/ou tornando certo o fracasso do ensino público em nosso país.

CONCLUSÃO

A análise da produção do ditado balanceado, aplicados em sujeitos dos 3^{os}, 4^{os}, 5^{os} e 6^{os} anos de escolas públicas, evidenciam que quanto maior o contato com a leitura e a escrita mais a criança se apropria da ortografia correta da sua língua.

Apresentando melhora do índice de erros em todas as categorias conforme o aumento do nível de escolarização.

Na relação série/ano, os índices são alarmantes quanto a o aumento de erros, mesmo equiparando por sua produção para o esperado na faixa etária, destacando os índices de regras arbitrárias que serão fixadas a partir do 5º ano de escolarização. Cabe então rever o ensino da ortografia, nas escolas públicas e particulares e como o mesmo tem sido realizado, pois é possível verificar que esse tipo de manifestação ocorre tanto em crianças que estudam na rede pública, quanto na rede particular.

Os dados demonstram que o processo de aquisição da ortografia é contínuo, não finda com o EF. Sabendo que o tempo de aprendizagem de cada sujeito e que leva para dominar a ortografia depende de fatores como: relação do sujeito com a escrita, práticas de letramento diferenciadas, estratégias de ensino/aprendizagem.

Assim cabe entender o erro ortográfico como previsível e, sendo necessário para que o processo de aquisição da escrita se constituir.

REFERÊNCIAS

1. Meireles E, Correa J. A relação da tarefa de erro intencional com desempenho ortográfico da criança, considerados os aspectos morfossintáticos e contextuais da língua portuguesa. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 11, n. 1, p. 35-43, 2006.
2. Mousinho R, Correa J. Conhecimento ortográfico na dislexia fonológica. In: Barbosa T, Rodrigues CC, Melo CB, Capellini AS, Alves LM (Org.). *Temas em dislexia*. São Paulo: Artes Médicas, p. 33-45, 2009.
3. Capellini SA, Conrado TL. Desempenho de escolares com e sem dificuldades de aprendizagem de ensino particular em habilidade fonológica, nomeação rápida, leitura e escrita. *Rev CEFAC*, São Paulo, v.11, suppl. 2, p.183-93, 2009.
4. Kleiman AB. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: Kleiman AB, organizadora. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras; 1995.
5. Sousa EO, Maluf MR. Habilidades de leitura e de escrita no início da escolarização. *Psicol Educ.* (19):55-72, 2004.
6. Capellini SP, Amaral AC, Oliveira AB, Sampaio MN, Fusco N, Mérida JFC, Fernández AY. Desempenho ortográfico de escolares do 2º ao 5º ano de ensino público. *Jornal Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*; 23(3):227-37. 2011.
7. Capellini AS, Gonçalves BAG. Desempenho de escolares de 1ª série na bateria de identificação de erros de reversão e inversão na escrita: estudo preliminar. *Rev. CEFAC*, 12 (6): 998-1008; Nov-Dez; 2010.
8. Salles JF, Parente MAMP. Avaliação da leitura e escrita de palavras em crianças de 2ª série: abordagem neuropsicológica cognitiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 220-228. 2006
9. Pinheiro AMV, Rothe-Neves R. Avaliação cognitiva de leitura e escrita: as tarefas de leitura em voz alta e ditado. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 14,n. 2, p. 399-408, 2001.
10. Cardoso AMS, Silva MM, Pereira MMB, Consciência fonológica e a memória de trabalho de crianças com e sem dificuldades na alfabetização. *CODAS* 2013; 25 (2); 110-14.2011.
11. Ávila CRB, Dias RS. Uso e conhecimento ortográfico no transtorno específico da leitura. *Rev. Sociedade Brasileira Fonoaudiologia*. 2008; 13(4):381-90.
12. Berberian AP, Massi GAA. A clinica fonoaudiológica voltada aos chamados distúrbios de leitura e escrita: uma abordagem constitutiva da linguagem. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, São Paulo, v. 10, p. 43-52,2005.
13. Grialevicius MM. Aprendizagem da linguagem escrita: um estudo sobre a competência ortográfica de alunos da 5a serie do ensino fundamental. 2007. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.
14. Scliar-Cabral L. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.
15. Zorzi JL. *Guia prático de alfabetização, baseado em princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003a.
16. Zorzi JL. *Aprendizagem e distúrbio da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
17. Zanella MS. *Leitura e aprendizagem da ortografia: um estudo com alunos de 4ª a 6ª série do Ensino Fundamental*. 2007. 200 f. Tese (Doutorado em Educação) –

Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

18. Zorzi JL. Os erros de escrita no contexto da dislexia do desenvolvimento. In: Barbosa T, Rodrigues CC, Melo CB, Capellini SA; Alves LM (Org.). Temas em dislexia. São Paulo: Artes Médicas, 2009.

19. Salles JF, Parente MAMP. Avaliação da leitura e escrita de palavras em crianças de 2ª série: abordagem neuropsicológica cognitiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 220-228. 2006.

20. Neto FR, Xavier RFC, Santos APM, Amaro KN, Florêncio R, Poeta LS. A lateralidade cruzada e desempenho da leitura e escrita em escolares. *Rev. CEFAC*. Jul-Ago; 15(4):864-72. 2013.

21. Ferreiro E, Teberosky A. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 1999.

22. Zorzi JL, Ciasca SM. Caracterização dos erros ortográficos em crianças com transtornos de aprendizagem. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 321-333, 2008.

23. Rosa CC, Gomes E, Pedroso F S. Aquisição do sistema ortográfico: Desempenho na expressão escrita e classificação dos erros ortográficos. *Rev. CEFAC*. Jan-Fev; 14(1); 39-45. 2012.

24. Moojen S. *A escrita ortográfica na escola e na clínica: Teoria, avaliação e tratamento*. Porto Alegre: Casa do Psicólogo; 2011.

25. Brasil. *Ampliação do ensino fundamental para nove anos: relatório do Programa*. Brasília: SEB/MEC, 2004b. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em 20 nov. 2013.

26. Brasil. MEC/SEB. *O ensino fundamental de nove anos: orientações gerais*. Brasília: MEC/SEB, 2004a.

27. Brasil. *Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação*. 2ª. ed. Brasília: Ministério da Educação, set. 2009.

28. Arelaro LRG, Jacomini MA, Klein SB. O ensino fundamental de nove anos e o direito à educação. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.37, n.1, 220p. 35-51, jan/abr.2011.

29. Leybaert A, Alérgria J, Deltour J, Skinkel R. Aprender a ler: O papel da consciência fonológica e da escola. In J. Grégoire & B. Piérart (Orgs.), *Avaliação dos problemas de leitura: Os novos modelos e suas implicações diagnósticas* p.143-166. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

30. Carvalho AMP. Baixo rendimento escolar: Uma visão a partir do professor. In C.A.R. Funayama (org.), *Problemas de aprendizagem: Enfoque multidisciplinar* (pp. 115-146). Campinas, SP: Alínea. 2000.

31. Kleiman A. *Leitura: Ensino e pesquisa*. Campinas, SP: Pontes. 2001.

32. Tasca M. Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: O papel dos fatores linguísticos e sociais. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001.

33. Berberian AP, et al. Análise de ocorrências ortográficas não convencionais produzidas por alunos do Ensino Fundamental. *Tuiuti: Ciências e Cultura*, n. 39, p.23-39, Curitiba, 2008.

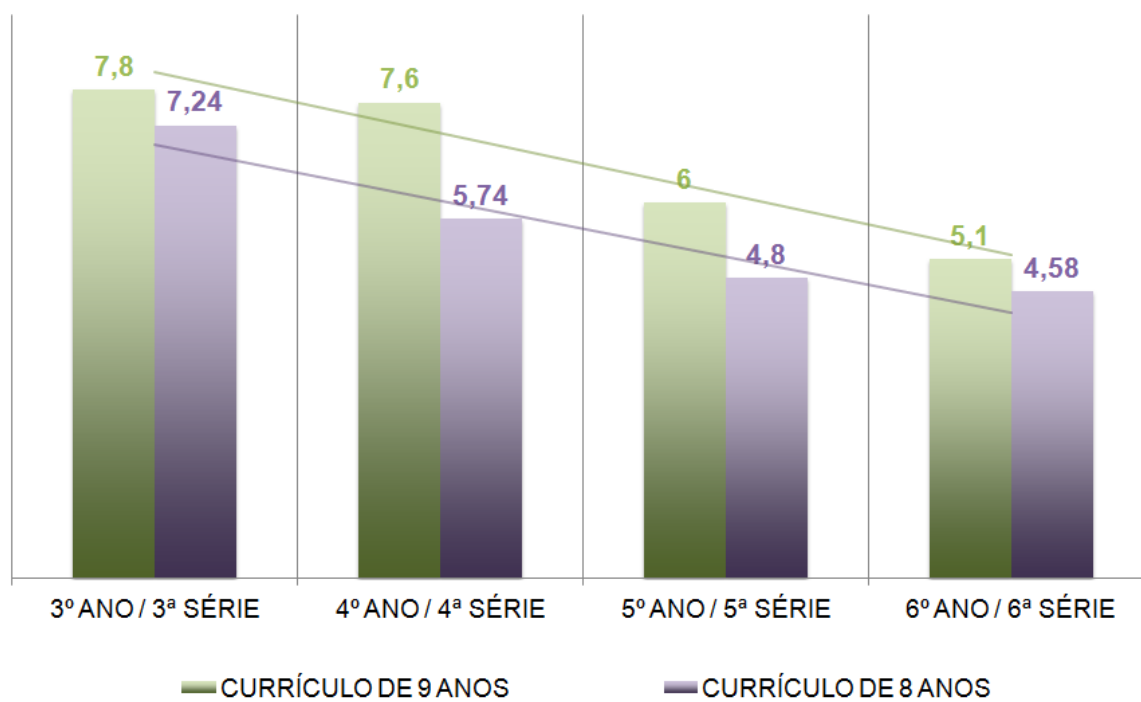
TABELAS

Tabela 1 – Comparativo das médias de erros entre os currículos por classificação do erro

CURRÍCULO - ANO/SÉRIE	3º ANO	3ª SÉRIE	4º ANO	4ª SÉRIE	5º ANO	5ª SÉRIE	6º ANO	6ª SÉRIE
CONVERSOR FONEMA- GRAFEMA	6,00	3,22	4,20	2,10	2,70	1,56	3,00	0,66
REGRAS CONTEXTUAIS	12,80	12,70	12,00	8,80	8,60	7,12	7,90	6,50
REGRAS ARBITRÁRIAS	16,70	14,83	13,30	9,82	8,20	7,56	7,50	5,39
TOTAL DE ERROS	35,50	30,75	29,50	20,72	19,50	16,24	18,40	12,55

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Média de erros por aluno regras contextuais complexas



DITADO BALANCEADO (ANEXO A)

- | | |
|----------------|-----------------|
| 1. unha | 26. manhã |
| 2. azar | 27. gorro |
| 3. amassar | 28. xarope |
| 4. galo | 29. descer |
| 5. gozado | 30. bispo |
| 6. gente | 31. bruxa |
| 7. horror | 32. bisavô |
| 8. joelho | 33. choca |
| 9. nascer | 34. experiência |
| 10. cambalhota | 35. fazenda |
| 11. desfile | 36. humana |
| 12. exemplo | 37. saudade |
| 13. código | 38. explosão |
| 14. causa | 39. faço |
| 15. brincam | 40. sinal |
| 16. açúcar | 41. incêndio |
| 17. alguém | 42. reflexo |
| 18. chimarrão | 43. exame |
| 19. extra | 44. sujeira |
| 20. favor | 45. vagão |
| 21. piscina | 46. vossa |
| 22. quebram | 47. relógio |
| 23. exército | 48. vingança |
| 24. sexo | 49. serrote |
| 25. Táxi | 50. vassoura |

ANEXO B

Requisitos Técnicos

a) Arquivos em Word, formato de página A4 (212 X 297mm), digitado em espaço simples, fonte Arial, tamanho 12, margens superior, inferior, direita e esquerda de 2,5 cm, com páginas numeradas em algarismos arábicos, na sequência: página de título, resumo, descritores, abstract, keywords, texto, agradecimentos, referências, tabelas ou figuras com as respectivas legendas.

O manuscrito deve ter até 15 páginas, digitadas em espaço simples (conta-se da introdução até antes das referências), máximo de 10 tabelas (ou figuras). Gráficos, fotografias e ilustrações se caracterizam como figuras. Questionários podem vir como Anexo e devem, necessariamente, estar em formato de quadro.

b) permissão para reprodução do material fotográfico do paciente ou retirado de outro autor, quando houver; anexando cópia do “Consentimento Livre e Esclarecido”, constando a aprovação para utilização das imagens em periódicos científicos.

c) aprovação do *Comitê de Ética em Pesquisa* (CEP), quando referente a pesquisas com seres humanos. É obrigatória a apresentação do número do protocolo de aprovação da Comissão de Ética da instituição onde a pesquisa foi realizada, assim como a informação quanto à assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, por todos os sujeitos envolvidos ou seus responsáveis (*Resolução MS/CNS/CNEP nº 196/96 de 10 de outubro de 1996*).

d) carta assinada por todos os autores no Termo de Responsabilidade em que se afirme o ineditismo do trabalho assim como a responsabilidade pelo conteúdo enviado, garantindo que o artigo nunca foi publicado ou enviado a outra revista, reservando o direito de exclusividade à Revista CEFAC e autorizando a adequação do texto ao formato da revista, preservando seu conteúdo. A falta de assinatura será interpretada como desinteresse ou desaprovação à publicação, determinando a exclusão editorial do nome da pessoa da relação dos autores. Todas as pessoas designadas como autores devem ter participado suficientemente no trabalho para assumir responsabilidade pública pelo seu conteúdo. O crédito de autoria deve ser baseado somente em: 1) contribuições substanciais para a concepção e delineamento, coleta de dados ou análise e interpretação dos dados; 2) redação ou revisão crítica do artigo em relação a conteúdo intelectualmente importante; 3) aprovação final da versão a ser publicada.

Os editores podem solicitar justificativas quando o total de autores exceder a oito. Não será permitida a inclusão de um novo autor após o recebimento da primeira revisão feita pelos pareceristas.

Preparo do Manuscrito

1. Página de Identificação: deve conter: **a)** título do manuscrito em Português (ou Espanhol) e Inglês, que deverá ser conciso, porém informativo; **b)** título resumido com até 40 caracteres, incluindo os espaços, em Português, Inglês ou em Espanhol; **c)** nome completo dos autores numerados, assim como profissão, cargo, afiliação acadêmica ou institucional e maior titulação acadêmica, sigla da instituição, cidade, estado e país; **d)** nome, endereço completo, fax e e-mail do autor responsável e a quem deve ser encaminhada a correspondência; **e)** indicar a área: Linguagem, Motricidade Orofacial, Voz, Audiologia, Saúde Coletiva, Disfagia, Fonoaudiologia Escolar, Fonoaudiologia Geral e Temas de Áreas Correlatas a que se aplica o trabalho; **f)** identificar o tipo de manuscrito: artigo original de pesquisa, artigo de revisão de literatura, comunicação breve, relatos de casos clínicos; **g)** citar fontes de auxílio à pesquisa ou indicação de financiamentos relacionados ao trabalho assim como conflito de interesse (caso não haja colocar inexistentes).

Em síntese:

Título do manuscrito: em português ou espanhol e em inglês.

Título resumido: até 40 caracteres em português, espanhol ou em inglês.

Autor Principal (1), Primeiro Co-Autor (2)...

(1) profissão, cargo, afiliação acadêmica ou institucional, sigla da Instituição, Cidade, Estado, País; maior titulação acadêmica.

(2) profissão, cargo, afiliação acadêmica ou institucional, sigla da Instituição, Cidade, Estado, País; maior titulação acadêmica. Nome, endereço, telefone, fax e e-mail do autor responsável.

Área:

Tipo de manuscrito:

Fonte de auxílio:

Conflito de Interesse:

2. Resumo e descritores: a segunda página deve conter o resumo, em português (ou espanhol) e em inglês, com no máximo **250 palavras**. Deverá ser estruturado conforme o tipo de trabalho, descrito acima, em português e em inglês. O resumo tem por objetivo fornecer uma visão clara das principais partes do trabalho, ressaltando os dados mais significantes, aspectos novos do conteúdo e conclusões do trabalho. Não devem ser utilizados símbolos, fórmulas, equações e abreviaturas.

Abaixo do *resumo/abstract*, especificar os *descritores/keywords* que definam o assunto do trabalho: no mínimo três e no máximo seis. Os descritores deverão ser baseados no *DeCS (Descritores em Ciências da Saúde)* publicado pela Bireme, que é uma tradução do *MeSH (Medical Subject Headings)* da *National Library of Medicine* e disponível no endereço eletrônico: <http://www.bireme.br>, seguir para: terminologia em saúde – consulta ao *DeCS*; ou diretamente no endereço: <http://decs.bvs.br>. Deverão ser utilizados sempre os descritores exatos.

No caso de Ensaio Clínico, abaixo do Resumo, indicar o número de registro na base de Ensaio Clínico (<http://clinicaltrials.gov>).

3. Texto: deverá obedecer à estrutura exigida para cada tipo de trabalho. Abreviaturas devem ser evitadas. Quando necessária a utilização de siglas, as mesmas devem ser precedidas pelo referido termo na íntegra em sua primeira aparição no texto. Os trabalhos devem estar referenciados no texto, em ordem de entrada sequencial numérica, com algarismos arábicos, sobrescritos, evitando indicar o nome dos autores.

A Introdução deve conter dados que direcionem o leitor ao tema, de maneira clara e concisa, sendo que os objetivos devem estar claramente expostos no último parágrafo da Introdução. Por exemplo:

O (s) objetivo (s) desta pesquisa foi (foram)...

O Método deve estar detalhadamente descrito. O primeiro parágrafo deve iniciar pela aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o respectivo número de protocolo. Os critérios de inclusão e de exclusão devem estar especificados na casuística. Os procedimentos devem estar claramente descritos de forma a possibilitar réplica do trabalho ou total compreensão do que e como foi realizado. Protocolos relevantes para a compreensão do método devem ser incorporados à metodologia no final deste item e não como anexo, devendo constar o pressuposto teórico que a pesquisa se baseou (protocolos adaptados de autores, baseados ou utilizados na íntegra, etc.). No último parágrafo deve constar o tipo de análise estatística utilizada, descrevendo-se os testes utilizados e o valor considerado significativo. No caso de não ter sido utilizado teste de hipótese, especificar como os resultados serão apresentados.

Os Resultados podem ser expostos de maneira descritiva, por tabelas ou figuras (gráficos, quadros, fotografias e ilustrações são chamados de figuras) escolhendo-se as que forem mais convenientes. Solicitamos que os dados apresentados não sejam repetidos em gráficos ou em texto.

4. Notas de rodapé: não deve haver notas de rodapé. Se a informação for importante para a compreensão ou para a reprodução do estudo, a mesma deverá ser incluída no corpo do artigo.

5. Agradecimentos: inclui colaborações de pessoas que merecem reconhecimento, mas que não justificam a inclusão como autores; agradecimentos por apoio financeiro, auxílio técnico, entre outros.

6. Referências Bibliográficas: a apresentação deverá estar baseada no formato denominado “*Vancouver Style*”, conforme exemplos abaixo, e os títulos de periódicos deverão ser abreviados de acordo com o estilo apresentado pela *List of Journal Indexed in Index Medicus*, da *National Library of Medicine* e disponibilizados no endereço: <http://nlmpubs.nlm.nih.gov/online/journals/ljweb.pdf>

Devem ser numeradas consecutivamente, na mesma ordem em que foram citadas no texto e identificadas com números arábicos sobrescritos. Se forem sequenciais, precisam ser separadas por hífen. Se forem aleatórias, a separação deve ser feita por vírgulas. Referencia-se o(s) autor(es) pelo seu sobrenome, sendo que apenas a letra inicial é em maiúscula, seguida do(s) nome(s) abreviado(s) e sem o ponto.

Para todas as referências, cite todos os autores até seis. Acima de seis, cite os seis primeiros, seguidos da expressão *et al.*

Comunicações pessoais, trabalhos inéditos ou em andamento poderão ser citados quando absolutamente necessários, mas não devem ser incluídos na lista de referências bibliográficas; apenas citados no texto

Artigos de Periódicos

Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título do periódico abreviado. Data, ano de publicação; volume(número):página inicial-final do artigo.

Ex.: Shriberg LD, Flipsen PJ, Thielke H, Kwiatkowski J, Kertoy MK, Katcher ML et al. Risk for speech disorder associated with early recurrent otitis media with effusions: two retrospective studies. *J Speech Lang Hear Res.* 2000;43(1):79-99.

Observação: Quando as páginas do artigo consultado apresentarem números coincidentes, eliminar os dígitos iguais. Ex: p. 320-329; usar 320-9.

Ex.: Halpern SD, Ubel PA, Caplan AL. Solid-organ transplantation in HIV-infected patients. *N Engl J Med.* 2002Jul;25(4):284-7.

Ausência de Autoria

Título do artigo. Título do periódico abreviado. Ano de publicação; volume(número):página inicial-final do artigo.

Ex.: Combating undernutrition in the Third World. *Lancet.* 1988;1(8581):334-6.

Livros

Autor(es) do livro. Título do livro. Edição. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.

Ex.: Murray PR, Rosenthal KS, Kobayashi GS, Pfaller MA. *Medical microbiology.* 4th ed. St. Louis: Mosby; 2002.

Capítulos de Livro

Autor(es) do capítulo. Título do capítulo. “In”: nome(s) do(s) autor(es) ou editor(es). Título do livro. Edição. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final do capítulo.

Ex.: Meltzer PS, Kallioniemi A, Trent JM. Chromosome alterations in human solid tumors. In: Vogelstein B, Kinzler KW, editors. *The genetic basis of human cancer.* New York: McGraw-Hill; 2002. p. 93-113.

Observações: Na identificação da cidade da publicação, a sigla do estado ou província pode ser também acrescentada entre parênteses. Ex.: Berkeley (CA); e quando se tratar de país pode ser acrescentado por extenso. Ex.: Adelaide (Austrália); Quando for a primeira edição do livro, não há necessidade de identificá-la. A indicação do número da edição será de acordo com a abreviatura em língua portuguesa. Ex.: 4ª ed.

Anais de Congressos

Autor(es) do trabalho. Título do trabalho. Título do evento; data do evento; local do evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.

Ex.: Harnden P, Joffe JK, Jones WG, editors. *Germ cell tumours V. Proceedings of the 5th Germ Cell Tumour Conference; 2001 Sep 13-15; Leeds, UK.* New York: Springer; 2002.

Trabalhos apresentados em congressos

Autor(es) do trabalho. Título do trabalho apresentado. “In”: editor(es) responsáveis pelo evento (se houver). Título do evento: Proceedings ou Anais do título do evento; data do evento; local do

evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final do trabalho.

Documentos eletrônicos

ASHA: American Speech and Hearing Association. Otitis media, hearing and language development. [cited 2003 Aug 29].

Available from: http://asha.org/consumers/brochures/otitis_media.htm.2000

Artigo de Periódico em Formato Eletrônico

Autor do artigo(es). Título do artigo. Título do periódico abreviado [periódico na Internet]. Data da publicação [data de acesso com a expressão “acesso em”]; volume (número): [número de páginas aproximado]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

Ex.: Abood S. Quality improvement initiative in nursing homes: the ANA acts in an advisory role. Am J Nurs [serial on the Internet]. 2002 Jun [cited 2002 Aug 12]; 102(6):[about 3 p.]. Available from:<http://www.nursingworld.org/AJN/2002/june/Wawatch.htm>

Monografia na Internet

Autor(es). Título [monografia na Internet]. Cidade de publicação: Editora; data da publicação [data de acesso com a expressão “acesso em”]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

Bases de dados na Internet

Autor(es) da base de dados (se houver). Título [base de dados na Internet]. Cidade: Instituição. Data(s) de registro [data da última atualização com a expressão “atualizada em” (se houver); data de acesso com a expressão “acesso em”]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

Ex.: Jablonski S. Online Multiple Congenital Anomaly/Mental Retardation (MCA/MR) Syndromes [base de dados na Internet]. Bethesda (MD): National Library of Medicine (US). 1999 [atualizada em 2001 Nov 20; acesso em 2002 Aug 12]. Disponível em: http://www.nlm.nih.gov/mesh/jablonski/syndrome_title.html

7. Tabelas: cada tabela deve ser enviada em folha separada após as referências bibliográficas. Devem ser autoexplicativas, dispensando consultas ao texto ou outras tabelas e numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no texto. Devem conter título na parte superior, em caixa alta, sem ponto final, alinhado pelo limite esquerdo da tabela, após a indicação do número da tabela. Abaixo de cada tabela, no mesmo alinhamento do título, devem constar a legenda, testes estatísticos utilizados (nome do teste e o valor de p), e a fonte de onde foram obtidas as informações (quando não forem do próprio autor). O traçado deve ser simples em negrito na linha superior, inferior e na divisão entre o cabeçalho e o conteúdo. Não devem ser traçadas linhas verticais externas; pois estas configuram quadros e não tabelas.

8. Figuras (gráficos, fotografias, ilustrações): cada figura deve ser enviada em folha separada após as referências bibliográficas. Devem ser numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no texto. As legendas devem ser apresentadas de forma clara, descritas abaixo das figuras, fora da moldura. Na utilização de testes estatísticos, descrever o nome do teste, o valor de p, e a fonte de onde foram obtidas as informações (quando não forem do próprio autor). Os gráficos devem, preferencialmente, ser apresentados na forma de colunas. No caso de fotos, indicar detalhes com setas, letras, números e símbolos, que devem ser claros e de tamanho suficiente para comportar redução. Deverão estar no formato JPG (Graphics Interchange Format) ou TIF (Tagged Image File Formatt), em alta resolução (mínimo 300 dpi) para que possam ser reproduzidas. Reproduções de ilustrações já publicadas devem ser acompanhadas da autorização da editora e autor. Todas as ilustrações deverão ser em preto e branco.

9. Análise Estatística: os autores devem demonstrar que os procedimentos estatísticos utilizados foram não somente apropriados para testar as hipóteses do estudo, mas também

corretamente interpretados. Os níveis de significância estatística (ex.: $p < 0,05$; $p < 0,01$; $p < 0,001$) devem ser mencionados.

10. Abreviaturas e Siglas: devem ser precedidas do nome completo quando citadas pela primeira vez. Nas legendas das tabelas e figuras devem ser acompanhadas de seu nome por extenso. Quando presentes em tabelas e figuras, as abreviaturas e siglas devem estar com os respectivos significados nas legendas. Não devem ser usadas no título e no resumo.

10. Abreviaturas e Siglas: valores de grandezas físicas devem ser referidos nos padrões do Sistema Internacional de Unidades, disponível no endereço: <http://www.inmetro.gov.br/infotec/publicacoes/Si/si.htm>.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL - TCI

Estudantes do Curso de Especialização em Fonoaudiologia da UFRGS, sob a coordenação do Prof. Dr. Marcio Pezzini França, desenvolverão um projeto de pesquisa que busca descrever a frequência e os tipos de erros na escrita de estudantes do ensino fundamental.

A partir de agendamento prévio, será aplicado o ditado em todos os alunos que se enquadrarem nos critérios da amostra, em meio às atividades pedagógicas, sem alterar a rotina. O ditado será aplicado pela pesquisadora na própria escola, com previsão de duração de aproximadamente 20 minutos.

Os alunos serão identificados somente pelo sexo e ano escolar e as informações necessárias ao projeto serão confidenciais, sendo utilizadas apenas para o presente projeto de pesquisa. Serão fornecidos todos os esclarecimentos que se façam necessários antes, durante e após a pesquisa através do contato direto com o pesquisador responsável.

Eu, _____
diretor(a) da(o) Escola/Colégio _____, declaro que fui informado (a) dos objetivos e justificativa desta pesquisa de forma clara e detalhada. Minhas dúvidas foram respondidas e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento.

Data: ____/____/____

Nome e Assinatura do
responsável pela(o) Escola/Colégio

Prof. Marcio Pezzini França
CRFa 6682-RS Cel 9122.0463

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia - UFRGS (tel.: 3308.5698).